

## Ouvindo Neusa Santos Souza

ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA\*

*O estrangeiro, diz o senso comum, é o outro. Outro que se afirma em muitos sentidos: outro país, outro lugar, outra língua, outro modo de estar na vida, de fruir, de gozar. O estrangeiro é o outro do familiar, o estranho, o outro do conhecido, o desconhecido; o outro do próximo, o distante, o que não faz parte, o que é de outra parte.*

*Para a psicanálise, o estrangeiro é o eu. O eu, não tomado como o quer o senso comum – unitário, coerente, idêntico a si mesmo –, mas o eu pensado em sua condição paradoxal – dividido, discordante, diferente de si mesmo –, tal como, de uma vez por todas, o poeta nos ensinou: “Eu é um outro”. (RIMBAUD, 1871/1988, apud SOUZA, 1998, p. 155).*

Era 1994, o colóquio, “O Estrangeiro”, no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, eu estava na plateia.

Entre as muitas vozes de intelectuais e psicanalistas brasileiros e estrangeiros, lá estava Neusa Santos Souza, uma psicanalista negra; escutá-la era uma experiência única; alguém em quem pude me ver, a partir daquele momento não estava mais só, tendo feito minha formação na França, aprendendo e convivendo com brancos, ali estava uma pesquisadora psicanalista negra; foi um encantamento, ouvir seu trabalho e ter o prazer de um pequeno momento de intimidade durante um café onde trocamos experiências e as agruras de sermos sempre as únicas negras nos espaços acadêmicos ou psicanalíticos. Tempos difíceis, em que o racismo estrutural era negado,

---

\* Doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Formação em psicanálise nos Ateliers de Psychanalyse, em Paris, com Radmila Zygourys, uma das fundadoras da instituição. Professora no Instituto Sedes Sapientiae.

não nos admitiam com facilidade, e sabíamos que éramos muito exigidas, mais do que os pesquisadores e analistas brancos o eram, afinal não eram espaços onde os negros deveriam circular.

Sou muito grata aos meus mestres franceses, afinal tive nessas figuras com quem pude conviver, todo incentivo e apoio para ser uma psicanalista que podia pensar sua própria condição de mulher negra.

Ainda ressoa em mim o quão forte foi aquela fala de Neusa, seu discurso em voz clara, sua articulação conceitual perfeita, era uma psicanalista negra em quem pude me espelhar e me inspirar; naquele momento havia acabado de escrever meu doutorado. *“A cor do inconsciente: significações do corpo negro”*.

O livro da Neusa, *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* foi, sem dúvida, um contraponto importante para eu pensar uma metapsicologia do sujeito negro.

Neusa soube explorar o impacto psicológico e social do racismo, em nós, os negros, quando buscamos uma ascensão social; ela mostra como a introjeção do “ideal imaginário da brancura” vai gerar muitos conflitos internos, sentimento de inferioridade e uma necessidade de escapar ao significante “pele negra” que traz como significado, escatológico, que o compara a semi-humanos.

Entendo que a brancura para o negro e para o branco é a excelência artística, nobreza estética, majestade moral, sabedoria científica; o branco é a encarnação de todas as virtudes, da razão do espírito e das ideias: “eles são a cultura, a civilização, em uma palavra, a humanidade”.

O negro não tem como disfarçar a diferença que o constitui, ele passa por um processo identificatório forjado no desejo do que seria ser “branco”, projeta, portanto, o branco que por condição biológica nunca será, tentando eliminar as características próprias da raça negra, tendo como padrão de beleza e comportamento, o branco.

Neusa fala de que na busca por ascensão social o negro, tendo internalizado os padrões brancos que vão gerar conflitos internos, e uma sensação de não pertencimento e um sentimento de culpa por não corresponder ao ideal de ser negro, ao mesmo tempo que sofre do medo permanente da perda da sua imagem, tal qual ele a mantém em sua representação imaginária: a de branco, mantida por um ideal de brancura.

O racismo causa no negro uma “ferida narcísica”, fragilizando sua autoestima e gerando muitas dificuldades na construção de sua identidade, desencadeando, ao sujeito negro uma ânsia desesperada por estar em relações transferencialmente positivas.

A experiência de ser negro numa sociedade estruturalmente racista impacta na formação de sua identidade. É sempre um desafio para o negro que, na busca pela ascensão social, tem que lidar com o racismo e as pressões para se adequar aos padrões que os aproximem do branco, que afetaram a construção da sua identidade.

Dado de que só existimos sujeitos no olhar do outro, num processo inconsciente, como uma resultante de um duplo processo identificatório e projetivo: “Ser o sujeito sendo concomitante o outro e ser o outro não sendo o próprio sujeito, no corpo do negro”.

Nesse processo confuso por que passam os negros, ser sujeito no outro significa não ser o real do seu próprio corpo, que deve ser negado para que se possa ser o outro.

Mas essa imagem de si forjada na relação com o outro – e no ideal de brancura – não só não guarda nenhuma semelhança com o real de seu corpo próprio, mas é por este, negada estabelecendo-se aí uma confusão entre o real e o imaginário.

Essas reflexões que tenho feito a partir do meu trabalho “*A cor do inconsciente: significações do corpo negro*”, são possíveis, tendo o trabalho da Neusa me permitido ousar uma metapsicologia do sujeito negro; ela acreditava que temos um discurso acerca de nós mesmos, de nossas questões e conflitos, nos liberta do lugar que o “mito negro”, criado pelos brancos nos colocou e nos adoeceu.

Gostaria que essa escrita, aqui apresentada fosse uma carta a Neusa, dando notícias de que avançamos e o quanto foi importante e libertador o seu trabalho para nós, o povo negro.

Os ecos daquele Colóquio, do texto que você apresentou, Neusa querida, “*O estrangeiro: nossa condição*”, tem nos guiado e nos permitido ousar ir adiante, e hoje somos muitas as vozes negras a denunciar as mazelas do racismo estrutural.

Mesmo em dias tão difíceis, num mundo que caminha numa perspectiva nazifascista neoliberal, permanecemos lutando por um mundo democráti-

co onde caibam as diferenças, afinal como você bem disse: “Acerca, do belo ensaio de Freud: ‘O estranho, *Das Unheimlich*’, Freud nos faz caminhar pelo termo alemão, nos mostrando o encontro dos contrários”. Na própria palavra *heimlich*, que se traduz por familiar, encontram-se o familiar e o estranho (1919/2019, p. 256).

Suas palavras finais ecoam em minha mente e me fortalecem quando me penso e penso nossa gente, nesse intricado processo de existir sujeito nessa sociedade estruturalmente racista.

Tenho ousado pensar que numa sociedade estruturalmente racista somos todos atravessados pelo racismo, penso que é importante pensar de que forma o racismo atravessa o negro, e de que forma atravessa o branco. Acho que cabe nos perguntarmos: Que racista sou eu? Afinal o racismo precisa de operadores, para ser o efetivado; sem que essa reflexão seja feita, temo que não poderemos avançar na desconstrução do racismo; parafraseando, Martin Luther King Júnior, tenho um sonho de uma sociedade onde haja lugar para a diferença.

Suas últimas palavras na sua explanação dizem desse sonho. “Contra o racismo de todas as cores, de todos os sexos, de todas as crenças, de todas as línguas, de todas as culturas, de todos os países; contra esse horror, que nos valha o estrangeiro – o estrangeiro do exterior e do interior de nós mesmos.

Querida, Neusa, gratidão por ter nos ensinado tanto, por ter sido para nós esse farol, que nos guia e nos fortalece.

Um grande abraço carinhoso e saudoso.

Isildinha B. Nogueira.

*Junho 2025*

**Isildinha Baptista Nogueira**  
isildinha\_nogueira@hotmail.com  
São Paulo - SP - Brasil

## Referências

FREUD, S. *O infamiliar [Das Unheimliche]* – Edição comemorativa bilíngue (1919-2019): Seguido de *O homem da areia* de ETA Hoffmann. Autêntica, 2019.

NOGUEIRA, I. B. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2021.

SOUZA, N. S. *O estrangeiro: nossa condição*. São Paulo: Escuta, 1998. p. 155-163.